



## Orestes e o oráculo

Orestes and the Oracle

Jaa Torrano<sup>1</sup>

e-mail: [jtorrano@usp.br](mailto:jtorrano@usp.br)

orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5445-3780>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v8i1.32985>

**RESUMO:** Nosso escopo neste artigo é descrever as mudanças sofridas pelo personagem Orestes na passagem da épica para a tragédia e nas tragédias. Como Orestes é apresentado na Odisseia e nas tragédias? O que caracteriza e distingue cada uma dessas versões? Para responder a essas questões, leremos e compararemos os versos de Homero e as tragédias de Ésquilo, Sófocles e Eurípides.

**PALAVRAS-CHAVE:** Orestes; Ésquilo; Sófocles; Eurípides; tragédia grega

**ABSTRACT:** Our scope in this paper is describing the changes presented by the character Orestes in his passage from the epic to the tragedy and throughout the tragedies. How is Orestes introduced in Odyssey and in tragedies? What characterizes and distinguishes each of these presentations? To answer these questions we shall read and compare the Homeric verses and the tragedies by Aeschylus, Sophocles and Euripides.

**KEYWORDS:** Orestes; Aeschylus; Sophocles; Euripides; Greek tragedy

---

<sup>1</sup> Professor Titular de Língua e Literatura Grega do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.



Como é apresentado Orestes na *Odisseia* e nas tragédias? O que caracteriza e distingue cada uma dessas apresentações, como e por quê? Em Homero, *Odisseia* I, 28–43, 294–302, Orestes é paradigmático; em Ésquilo, *Coéforas*, *Eumênides*, Orestes é problemático, e o impasse se resolve mediante a atitude de *amor fati*; em Sófocles, *Electra*, Orestes fala e age como militar; em Eurípides, *Electra*, *Orestes*, *Ifigênia em Táurida* e *Andrômaca*, o comportamento de Orestes é afetado pela competência retórica de compreender pontos de vista opostos. Nas tragédias de Ésquilo, Sófocles e Eurípides, observa-se a reiteração do padrão de situações de impasse, às vezes descritas como “jugo da coerção” (*anáγκης λέπαδνον/zeúgmata*), que se resolvem pela transformação do escopo da coerção em objeto do desejo. Em variantes associadas à personagem de Pílates, a solução do impasse vem do planejamento de uma ação cujo risco mortal se dilui no impasse e constitui ao mesmo tempo a aceitação e a superação do impasse.

### Orestes épico

No primeiro canto da *Odisseia*, na fala de Zeus na assembleia dos Deuses, a morte de Egisto é apresentada como um mal “além do quinhão” (*hypèr móron*, *Od.* 34) consequente de seu ato transgressivo “além do quinhão” (*hypèr móron*, *Od.* 35), apesar da benevolência dos Deuses em adverti-lo, por meio do vigilante Argicida Hermes, de que não matasse o rei nem lhe cobixasse a esposa. A descrição tanto do ato transgressivo quanto de sua punição como “além do quinhão” se explica pela associação – comum do pensamento mítico grego – entre as noções míticas de “justiça” (*Díke*) e de “quinhão”, “Lote” (*Móros* – nome masculino) ou “Parte” no sentido de “participação” (*Moíra* – nome feminino), como se mostra na simetria entre as tríades das *Moírai* e das *Hórai* no catálogo dos filhos de Zeus e Têmis na *Teogonia* de Hesíodo. As “Partes” (*Moírai*) dão aos mortais os haveres de bem e de mal (*T.* 904s.), e uma das Horas é Justiça (*Díke*), o que sugere que Justiça, filha de Zeus e Têmis, manifesta-se no horizonte temporal do curso dos acontecimentos. Na tragédia *Coéforas* de Ésquilo (*Coé.* 306–314), após o encontro e reconhecimento entre os irmãos, o coro invoca as “grandes Partes” (*megálai Moírai*, *Coé.* 306) associadas à “Justiça cobradora de dívida” (*toupheilómenon prássysa Díke*, *Coé.* 310s.) Nesse contexto da fala de Zeus, a morte de Egisto por Orestes é apresentada como uma manifestação da ordem inerente ao curso dos acontecimentos – já prenunciada na advertência dos Deuses a Egisto por meio de Hermes –, e Orestes, pois, é apresentado como um agente da Justiça de Zeus.

Ainda no primeiro canto da *Odisseia*, na fala de Palas Atena a Telêmaco, a retaliação do “divino Orestes” (*díos Oréstes*, *Od.* I, 298) contra Egisto é apresentada como um modelo a ser seguido por Telêmaco, para que obtenha, como Orestes, glória entre os pósteros e entre todos os homens.

Nesses dois trechos inaugurais da *Odisseia*, a vindicta de Orestes é apresentada – primeiro implícita e depois explicitamente – como o paradigma do comportamento esperado de Telêmaco em idêntica situação de ofensa ao pai ausente e ao patrimônio familiar e usurpação de poder.

### Orestes trágico esquiliano

Na tragédia *Coéforas* de Ésquilo, o encontro dos irmãos Orestes e Electra junto ao túmulo do pai Agamêmnon é precedido e propiciado por um sonho terrificante de Clitemnestra, que, para se reconciliar com os inferos, envia a filha e o séquito de mulheres com oferendas à tumba do morto, quando lá estava Orestes fazendo prece e oferenda a seu finado pai. O coro de portadoras de oferendas funerárias atribui o sonho a Apolo, dito “Adivinho de sonho” (*oneirómantis*, *Coé.* 33). Por outro lado, Orestes se conduz pelo oráculo de Lóxias – tão claro na ordem de punir os dolosos assassinos do pai com o mesmo dolo e a mesma morte (*Coé.* 273s.) – quão claro na terrificante ameaça de punição em caso de descumprimento da ordem (*Coé.* 275ss.). Essa clareza da comunicação do Deus assinala a proximidade de Orestes com o Deus e sugere para Orestes o estatuto de *theíos anér*, “varão divino”, como se dizem os heróis não na tragédia, mas na epopeia.

Ainda na tragédia *Coéforas* de Ésquilo, quando o coro adverte os irmãos de que suas efusões poderiam denunciá-los aos poderosos do palácio, Orestes declara sua confiança em Apolo, dada a clareza do oráculo ao proclamar que terrível punição ele mesmo teria se por sua vez não matasse os matadores de seu pai com o mesmo dolo com que o mataram (*Coé.* 269ss.). Coagido pelo prévio conhecimento dos assaltos das Erínies paternas caso negligenciasse a vindicta, Orestes supera a compulsão da coerção pelo desejo daquilo a que a coerção o obriga: “Muitos desejos convergem neste ponto” (*polloì gàr eis hèn sympítnousin hímeroi*, *Coé.* 299). Orestes arrola quais são esses desejos convergentes: “as ordens do Deus”, “o luto pelo pai”, “a carência de recursos” e o entendimento do governo de Egisto em Argos como usurpação tirânica, ilícita e opressiva dos cidadãos argivos (*Coé.* 300ss.).

Nessa convergência de desejos, a compulsão da coerção se converte em ardor do desejo. Essa libertação produzida pela transformação do escopo da coerção em objeto do desejo é a mesma experiência vivida pelo rei Agamêmnon no inverno em Áulida ao se perguntar “o que há sem estes males” (*tí tónd’ áneu kakón?* *Ag.* 211) e ao decidir “desejar com superfurioso furor” (*orgái periorgói sph’epithy/meín thémis*, *Ag.* 216ss.), “quando sob o jugo da coerção” (*epei d’anágkes édy lépadnon*, *Ag.* 218). A mesma experiência também vivida por Ifigênia em Áulida, na tragédia homônima de Eurípides, quando Ifigênia na mesma situação descrita por seu pai como “sob o jugo da coerção” (*anágkes zeúgmat’*, *Eur. I.A.* 443), aceita ser a vítima sacrificada à Deusa Ártemis, justificando-se com o argumento de que assim age em prol da grandeza da pátria, argumento que ela compartilha com o seu pai, mas que a sua mãe não compartilha nem com ele nem com ela.

Quando Orestes surpreende Clitemnestra a lamentar sobre o cadáver de Egisto, ela, cônica

da situação e do risco iminente, diz: “Para, filho, e respeita, criança, este / seio em que muitas vezes já sonolento / sugaste com as gengivas nutriente leite.” (*Coé.* 896-8).

Na iminência de matar a própria mãe, ante a visão dos seios maternos, toda a clareza da comunicação oracular do Deus se turva e Orestes hesita e exclama: “Pílates, que fazer? Temo matar a mãe.” (*Pyláde, tí dráso? Metér’ adesthó ktaneîn. Coé.* 899).

A resposta de Pílates à pergunta de Orestes é outra pergunta definitiva e determinante da prioridade dos Deuses na escala de referências. Pílates responde: “Onde no porvir os vaticínios de Lóxias / dados em Delfos e os fiéis juramentos? / Tem por hostis a todos mas não aos Deuses.” (*Coé.* 900ss.), restabelecendo-se assim para Orestes a clareza do que fazer quanto ao oráculo de Lóxias.

No êxodo de *Coéforas*, Orestes, acossado pelas Erínies punitivas da mãe, visíveis para ele e invisíveis para o coro, parte de Argos para consultar Apolo em Delfos.

No prólogo de *Eumênides*, na primeira cena, a profetisa do templo faz uma prece aos Deuses fundadores do oráculo e aos Deuses presentes na paisagem em Delfos, convida os gregos consulentes a entrarem, e entra no santuário. Na segunda cena, ela sai do santuário apavorada e descreve sua visão terrível do “homem horrendo aos Deuses” e do bando de “Górgones” adormecidas no interior do santuário. Na terceira cena, no ecicléma, o diálogo entre Apolo e Orestes é singularmente sem a intermediação da profetisa. Nesse diálogo imediato, o mortal invoca o Deus e o Deus interpela o mortal, dando-lhe as instruções da salvação e confiando-o à escolta do Deus Hermes e à guarda da Deusa Palas Atena. Por fim, na quarta cena, o espectro de Clitemnestra surge no pesadelo das Erínies adormecidas como se fosse a Erínis das Erínies. O párodo mostra o despertar das Erínies espicaçadas por Clitemnestra. O primeiro episódio mostra Apolo expulsando-as do santuário de Delfos.

Muda o cenário de Delfos para Atenas, onde Orestes chega ao templo de Atena com o salvo-conduto da escolta de Hermes. Apresentando-se à Deusa em seu santuário, Orestes lhe pede o “termo de Justiça” (*télos díkes, Eu.* 243). No epipárodo (segunda entrada do coro) o coro de Erínies relata sua implacável perseguição ao matricida Orestes. No segundo episódio, Orestes pede em prece a Deusa Atena que o livre das Erínies. No primeiro estásimo, as Erínies se apresentam como executoras de justa punição; a justiça inerente ao seu ofício e sua inegável dignidade as qualificam previamente para a posterior integração na vida da pólis e das instituições políticas. No terceiro episódio, Atena atendendo ao chamado de Orestes se depara com as Erínies. Ao contrário da rispidez e intolerância de Apolo, Atena conversa com as Erínies e ganha a confiança delas para examinar o caso de Orestes e dar a sentença. Instado e garantido pela Deusa Atena, Orestes se apresenta, faz a defesa da justiça de seu matricídio e alega a coautoria de Lóxias. Atena, considerando a dificuldade de resolver a situação sem suscitar cólera, anuncia a sua escolha dos juízes de homicídio entre os cidadãos de sua cidade e a fundação do primeiro tribunal, no Areópago. No segundo estásimo, ressalta-se o caráter político das Erínies, por sua associação com justiça penal e os benefícios da participação delas na vida política; as Erínies se assimilam às funções políticas da Justiça penal. No quarto episódio, na primeira sessão do

tribunal do Areópago, a Deusa Atena age como o arauto, as Deusas Erínies como acusadoras, o Deus Apolo como defensor, e Orestes como réu, no final das contas absolvido da acusação devido ao empate dos votos. Como previra Atena, segue o *kommós*, em que o coro de Erínies se queixa do resultado, protesta e ameaça, ressaltando os seus poderes e sua importância, e a cada ameaça Atena intervém com conselhos dissuasórios e persuasivos. No último episódio, o exercício da persuasão de Atena completa o convencimento das Erínies, que acolhem por fim tanto o resultado do julgamento quanto as honrarias atribuídas por Atena a elas, ditas por antífrase Eumênides (*Eumenídoi*, “Benévolas”). Reconhecida a importância política de sua função, as horrendas Deusas se tornam benéficas, integradas doravante na vida política da cidade de Atenas.

### Orestes trágico sofoclíano

Na tragédia *Electra* de Sófocles, ao contrário, as Erínies só são evocadas e mencionadas para a punição de Clitemnestra. Na versão sofoclíana, no oráculo de Febo em resposta à consulta de Orestes “como faria no interesse do pai a justiça de seus executores”, as Erínies não são sequer mencionadas, pois neste caso o oráculo de Febo não contém nem ameaças nem menção a Erínies, somente instrui Orestes sobre o que e como fazer: “doloso com mão justa levar imolações” (*dóloisi klépsai kheiròs endíkou sphagás El. 37*).

As Erínies são invocadas por Electra contra Clitemnestra (*El. 112, 276*), mas não são citadas contra Orestes. Por que nesta tragédia de Sófocles Orestes não contracenava com as Erínies como na trilogia de Ésquilo? A meu ver a ausência das Erínies ao lado de Orestes na tragédia sofoclíana se deve à ressignificação tanto da personagem de Orestes quanto de seu ato de execução da justiça.

No pensamento mítico, todos os seres são dotados de linguagem e por isso todos os aspectos do mundo entram em interlocução com os heróis mortais. O traço comum a todas as versões (épica e trágicas) da personagem de Orestes é a interlocução com o oráculo de Apolo, com os Numes visíveis na paisagem e na casa paterna, com os Numes e com os inferos junto ao túmulo do pai. Na *Electra* de Sófocles, Orestes, depois de relatar o oráculo recebido de Apolo e expor o seu plano de ação em Argos, faz a prece à terra pátria, aos Deuses locais e à casa paterna. Nessa prece ele se descreve como “justo purificador enviado por Deuses” (*El. 70*) e “antigo dono restaurador da casa” (*El. 72*) e assim, com essa prece, ele se qualifica como executor da justiça e legítimo dono da casa, reivindicando a reintegração de posse.

Na personagem de Electra também se ressalta esse traço da interlocução múltipla. Para evocar a morte de seu pai perpetrada por sua mãe e por Egisto e para pedir que a justiça divina os puna, Electra interpela a “luz pura” e o “ar par da terra” (*El. 86s.*) e por fim os Deuses inferos Hades, Perséfone, Hermes ctônio, “senhora Praga” (*pótni’ Ará, El. 70*) e “veneráveis filhas de Deuses Erínies” (*El. 120*).

No párodo, em diálogo com Electra, o coro de mulheres argivas manifesta solidariedade e

lealdade com Electra, assistindo-a e respaldando-a em sua atitude perante a morte do pai.

No primeiro episódio, o coro reitera sua solidariedade e lealdade a Electra, pergunta por Egisto e ao saber de sua ausência sugere que ele seja opressor (*El.* 310-315), pergunta por Orestes e ante a queixa de Electra pela ausência do irmão tenta justificá-lo e reconfortá-la; os conselhos fraternos de Crisótemis a Electra são mais enfáticos que os do coro, e Electra os repele com mais ênfase do que repelira os do coro; Crisótemis anuncia a punição que Egisto ao voltar imporá a Electra por sua insistência no pranto lutuoso pelo pai. Na esticomitia entre as duas irmãs, depois que as tentativas mútuas de dissuasão e de persuasão se mostram ineficazes, Electra indaga Crisótemis a respeito das oferendas e de sua motivação (*El.* 385-414). Ao ouvir de Crisótemis o relato do sonho de Clitemnestra, Electra dá à irmã novas instruções de como proceder quanto a oferendas funerárias ao pai delas, Crisótemis aceita as instruções da irmã, mas pede para si a proteção do silêncio para poder executá-las sem sofrer represália.

No primeiro estásimo, o coro tem a mesma interpretação do sonho de Clitemnestra que Electra, considerando-o um anúncio de justiça do poder ctônio do finado Agamêmnon e entendendo-o como prenúncio da vinda de Erínis para a punição de Clitemnestra (“Erínis”, *El.* 491). No entanto, no epodo o coro evoca o delito de Pélops contra Mítilo como a origem dos infortúnios que afligem a casa, o que de certo modo aponta o ancestral caráter numinoso dos delitos de Clitemnestra e Egisto.

No segundo episódio, Clitemnestra se defende das queixas de Electra proclamando a justiça da morte de Agamêmnon como retaliação pela morte de Ifigênia, e conclui sua defesa de seu ato homicida com o suposto aval da aprovação dele por Ifigênia, reiterando a proclamação de sua justiça. Electra defende Agamêmnon da acusação de filicídio alegando que a Deusa Ártemis o coagiu ao sacrifício da filha devido a infaustas palavras ufanas (“ufana palavra”, “coagido”, *El.* 569, 575). Electra argumenta que a pena estipulada e aplicada por Clitemnestra a Agamêmnon em punição do filicídio agora recai sobre Clitemnestra em punição de seu homicídio contra Agamêmnon. Electra amplia a acusação contra Clitemnestra, incluindo na de homicídio a de traição e aliança com o inimigo, e conclui com a acusação de despotismo e usurpação do poder por espoliação de Orestes (“déspota”, *El.* 598). Mãe e filha se acusam uma à outra de despudor (“sem pudor”, “despudor”, *El.* 615, 621), Electra acusando a mãe de ser a primeira causa do despudor e Clitemnestra ameaçando a filha com punição quando Egisto retornasse. A prece de Clitemnestra a Apolo (*El.* 634-659) supõe não somente a compreensão divina da “voz encoberta” (*kekrymménen... báxin*, *El.* 638), mas também a cumplicidade divina com os atos perpetrados por ela. Por ironia divina, aparentemente a prece de Clitemnestra é atendida por Apolo, quando o anúncio doloso da falsa morte de Orestes lhe proporciona aparente alívio ao se crer livre da causa de seus temores e pavores noturnos.

O longo e minucioso relato do falso mensageiro produz no coro comedido constatação de que a família está extinta, mas em Clitemnestra causa júbilo e em Electra provoca o pranto por si mesma e por seu irmão e ainda a invocação da “Vindita deste morto recente” (*Némesi tou thanóntos*

*artíos*, *El.* 792) diante do que considera um ultraje de Clitemnestra ao morto.

A sós Electra considera quais seriam para ela o sentido e as consequências da morte de Orestes. Vivo Orestes era a esperança de “vingar o pai” (*patròs... timorón*, *El.* 491); morto Orestes, essa esperança se converte em “nenhum desejo de viver” (*toú bíou d’ oudeís póthos*, *El.* 491), o que é não somente expressão do luto por Orestes mas também expressão da prioridade de “vingar o pai”. No *kommós* (*El.* 823–870), a invocação do coro aos raios de Zeus e ao fúlgido Sol como testemunhas equivale a pedir justiça aos Deuses que contêm a totalidade do poder e a totalidade do visível. Electra declara que a esperança de que Orestes ainda viva constitui desprezo à dor de seu luto (*El.* 491); o coro evoca o paradigma do adivinho Anfiarau, comparável ao rei Agamêmnon pelo destino comum de ambos em vida terem sido traídos por esposas gananciosas cooptadas e ambos nos ínferos ter o poder de vaticinar (segundo o entendimento de que o sonho de Clitemnestra fosse um anúncio de justiça proveniente do poder ctônio do finado Agamêmnon). Electra objeta que Anfiarau vive porque foi vingado, mas o vingador de Agamêmnon está morto. O coro tenta reconfortá-la primeiro com o argumento da universalidade da morte e depois com sua concordância com os sentimentos de Electra.

No terceiro episódio, Crisótemis retorna do túmulo paterno com a notícia do que viu e do que intuiu como sinais sugestivos da vinda clandestina de Orestes e de sua presença às ocultas em Argos. Electra confia mais no anúncio declarado do falso mensageiro que na notícia intuída da irmã Crisótemis. Electra se contrapõe à intuição de Crisótemis: “*Pheú*, como me apiedo de tua tolice!” (*El.* 920), e em contrapartida lhe dá a notícia tanto da morte quanto das consequências da morte de Orestes: “Está morto, ó mísera! A salvação dele / se perdeu. Não te voltes mais para ele!” (*El.* 924s.). Crisótemis se deixa persuadir pela convicta veemência de Electra, que considerando a situação consequente da morte de Orestes propõe que assumam e cumpram ambas o dever filial de “matar o autor da morte do pai” (*El.* 951) e justifica a execução como o único modo de ambas terem vida digna, dadas as condições impostas pelo usurpador Egisto. No entanto, a glória do dever cumprido não seduz Crisótemis, que aconselha a irmã a não agravar os males, mas preservar a vida em vez de buscar a glória póstuma (*El.* 992ss.). Crisótemis não crê que ela própria tenha a força necessária à execução da tarefa proposta, nem pode crer que a irmã possa ter tal força, ainda que esta creia e confie tê-la (*El.* 1021s.). Electra proclama e reitera a justiça de sua atitude (*El.* 1037, 1041), Crisótemis não nega a justiça, mas a viabilidade da atitude assumida pela irmã, e insiste no aconselhamento de que a irmã reconsidere a deliberação.

No segundo estásimo, na primeira estrofe, o coro evoca o comportamento das aves como modelo de piedade filial, e invoca os súperos fulminante Zeus e celestial Têmis e os ínferos Atridas pai e filho como vigilantes testemunhas de tristes agravos. Na primeira antístrofe, descreve a situação grave da casa: o dissídio das duas irmãs e a piedade filial de Electra – nesse sentido comparada a “choroso rouxinol” (*El.* 1077) – resoluta “e pronta para não mais viver / se matasse as duas Erínies” (*El.* 1080); o louvor a essa atitude de Electra é explícito: “Quem tão nobre floresceria?” (*El.* 1081). Na segunda

estrofe, o coro aprova a atitude de Electra, louvando e associando essa atitude à nobreza e à glória. Na segunda antístrofe, o coro formula votos pela vitória de Electra sobre os seus inimigos, justificando a expectativa dos votos pela firmeza quando manifesta a parte má, pelo cultivo dos costumes ancestrais e pela conquista da excelência na veneração de Zeus.

No quarto episódio, Orestes se apresenta ao coro sob o disfarce de varão enviado da Fócida pelo ancião Estrófió, com a notícia fúnebre de Orestes e com “as suas exíguas relíquias em breve / urna funerária” (*El.* 1113s.). Electra pede e recebe a suposta urna funerária, e se dirige às supostas relíquias como se se dirigisse ao irmão. O disfarce e a disciplina militar de Orestes não resistem ao enternecimento perante a interpelação da irmã às supostas relíquias. No súbito colapso do disfarce e da disciplina militar, Orestes exclama: “*Pheû pheû*, que direi? A que impossíveis falas / recorrerei? Não posso mais dominar a língua” (*El.* 1174s.). Na longa esticomitia (*El.* 1176-1226), o reconhecimento dos irmãos se completa quando Orestes se diz vivo, exhibe o “selo do pai” (*sphragída patrós*, *El.* 1081), e os irmãos se abraçam. Electra compartilha o encontro do irmão com o coro, dirigindo-se a ele como “caríssimas mulheres, minhas concidadãs” (*polítides*, *El.* 1227).

Quando o coro é visto como *polítides*, “concidadãs”, a solidariedade e lealdade do coro a Electra perante a usurpação tirânica de Egisto confere à execução de Egisto um caráter de interesse público que a legitima como ato político. Uma vez conferida legitimidade política à execução de Egisto (e, por conseguinte, à de Clitemnestra, vista como traidora e aliada do inimigo), não se mencionam as Erínies em referência a essa dupla execução. Todas as menções a Erínies nesta tragédia de Sófocles se referem unicamente ao crime de Egisto e Clitemnestra e por fim os próprios Egisto e Clitemnestra são referidos pelo coro como Erínies (*El.* 1080).

Na tríade de estrofe, antístrofe e epodo, os irmãos recém-reconhecidos alternam as vozes no canto e confrontam as atitudes de cada um diante da mesma situação: Electra expansiva manifesta o júbilo do reconhecimento, Orestes restritivo pede silêncio e discrição, na tentativa de recompor o seu disfarce e a sua disciplina militar.

Na continuação do quarto episódio, Orestes orienta a irmã para cooperar com ele na execução de seu objetivo militar, e Electra os convida (a Orestes e Pílates) para entrar na casa, onde se encontra Clitemnestra; quando o preceptor sai da casa, os encontra e em tom ríspido os adverte do perigo de suas efusões. Reconhecido por Electra após Orestes apresentá-lo, o preceptor com lacônica sobriedade dispensa as reverências de Electra e exorta os jovens à ação com urgência, após saudarem os altares pátrios dos Deuses locais.

Electra, por sua vez, faz uma prece a Apolo pedindo que o Deus lhes dê apoio e mostre aos homens que punição os Deuses dão à impiedade (*El.* 1376-1383).

No terceiro estásimo, na primeira estrofe, o coro evoca o avanço de “Ares respirando o litigante sangue” (*dysériton haíma physsón Áres*, *El.* 1388) e a presença das “vingadoras de malfeitorias, infalíveis cadelas” (*metádroimoi kakôn panourgemáton* *El.* 1387s.). A imagem das cadelas vingadoras



infalíveis descreve as Erínies, identificadas aqui tanto com Ares quanto com Orestes e Pílates, agora na iminência da execução dos usurpadores Egisto e Clitemnestra. Na antístrofe, o coro evoca a presença de Hermes, que evocado se integra às presenças evocadas dos Deuses Ares e Erínies junto a Orestes e Pílates, com o mesmo caráter de defensor dos íferos, executor de dolo, oculto nas trevas.

No diálogo lírico Electra e o coro confabulam na estrofe e na antístrofe entra Orestes. Na primeira cena, Electra anuncia ao coro de “caríssimas mulheres” – tratamento ao mesmo tempo sugestivo de solidariedade (*philtatai*, “caríssimas”) e cerimonioso *gynaikes*, “mulheres”, *El.* 1398) – a iminente consumação do trabalho dos dois varões Orestes e Pílates e respondendo às perguntas do coro esclarece que dentro de casa Clitemnestra prepara a urna funerária para a sepultura, perto de Orestes e Pílates, e que ela mesma veio para a frente da casa para preveni-los da vinda de Egisto. Como no diálogo dos coreutas na tragédia *Agamêmnon* de Ésquilo (1343-1372), ouvem-se em cena os gritos da personagem que está sendo morta dentro da casa; assim, Electra na frente da casa comenta e aparentemente orienta a matança de Clitemnestra dentro da casa. Ao fim dos gritos de Clitemnestra, Electra faz voto pela morte de Egisto, e o coro constata tanto o cumprimento das preces aos íferos quanto a eficácia da justiça dos íferos, que com a aprovação do coro se apresenta na figura de Orestes, saindo da casa com a espada ainda sangrenta na mão, junto de Pílates.

Na segunda cena, assim apresentado pelo coro como executor da justiça dos íferos, e respondendo à pergunta de Electra, Orestes declara que o vaticínio de Apolo se cumpriu e que Clitemnestra está morta. Nesse momento, Electra anuncia a aproximação de Egisto, e insta Orestes e Pílates à ação; e o coro faz recomendações a Electra para o “secreto combate de Justiça” (*lathraíon hos pròs Dikas agóna*, *El.* 1441).

No êxodo, demarcam-se três momentos. No primeiro momento (*El.* 1442-1465), Egisto exerce e exhibe ostensivamente o seu poder de tirano, quando interpela Electra perguntando pelo núncio da notícia fúnebre de Orestes, e depois quando informado de que o núncio não somente relatava a morte de Orestes, mas ainda a comprovava com evidência, Egisto ordena que se exponha essa evidência às vistas de todos os micênios e argivos para os reduzir à obediência mediante intimidação. Electra, atendendo à ordem de Egisto, abre-lhe a porta da casa para que se vejam a evidência e os portadores da notícia fúnebre.

No segundo momento (*El.* 1466-1478), antes de Egisto saber com quem falava e o que havia sob os véus funerários diante de si, ele posa de soberano piedoso com reflexões cautelosas sobre a morte de Orestes, declarando a causa morte de Orestes “não sem ciúme” (*áneu phthónou mèn ou*, *El.* 1466s.); ora, “ciúme” (*phthónou*) remete à noção de *Theón phthónos* comum de Heródoto e dos trágicos e sugere a estrita vigilância divina das ações injustas dos mortais; mas em seguida Egisto nega que diga essa morte ser “Vindita” (*Némesis*, *El.* 1467), isto é, a cólera retaliativa dos Deuses. A pose de piedoso consiste nessa retratação afetada que parece desdizer o dito para assim reafirmar e enfatizar o dito mesmo.

No terceiro momento (*El.* 1479-1510), Egisto perde a pose de soberano piedoso, quando retira o véu funerário e vê o cadáver de Clitemnestra, reconhecendo enfim que seu interlocutor é Orestes. Egisto tenta usar a palavra para se defender, mas é coibido por Electra e conduzido por Orestes ao aposento onde Agamêmnon fora morto. As palavras finais de Orestes prescrevem a mesma sentença de morte a “quem quisesse estar acima / das leis” (*hóstis péra prássein ge tón nómon théloi*, *El.* 1442-1465). Essa prescrição, que dosifica a pena a ser imposta aos tiranos e usurpadores de poder, ressalta o caráter tirânico e usurpador da transgressão de Egisto punida com pena capital.

A meu ver, ao tratar a execução de Clitemnestra como punição por traição e aliança com o inimigo, e ao tratar a execução de Egisto como punição por exercício da tirania, ambas as execuções são vistas como punição imposta pelo poder público no interesse público e, portanto, sancionada pela autoridade do Estado. Neste caso, Orestes e seus aliados agem como agentes das Erínies a serviço do Estado, assim não estando mais sujeitos nem à retaliação legítima nem à ação de Erínies.

Um traço distintivo da personagem sofocliana de Orestes, segundo J. H. Kells, é “a tendência para terminologia militar e pensamento militar. Orestes é primariamente um soldado, treinado à maneira espartana de estrita disciplina e obediência a ordens.” (KELLS, 1973, p. 81). A excelência militar de Orestes repousa em e resulta de seu completo e devotado *amor fati* – o que, neste caso, se entende por inteira devoção ao oráculo de Apolo.

### Orestes trágico euripidiano

No entanto, o traço distintivo da personagem euripidiana de Orestes é sua irresistível capacidade intelectual de reconsiderar sua atitude na sua situação sob o ponto de vista do adversário, donde decorrem os estados de perplexidade e os momentos de hesitação. Vejamos como isso se dá nas quatro tragédias que temos de Eurípides com essa personagem.

Na tragédia *Electra* de Eurípides, antes mesmo do matricídio, Orestes inflete o modo de se apresentar de uma atitude de confiança para outra de desconfiança. Antes, no prólogo, Orestes é esperado e se apresenta como investido pelo oráculo de Apolo em Delfos na missão filial de vingar o pai matando os matadores, invoca os poderes ctônios do finado pai e a justiça dos íferos e alia-se à irmã devotada à memória do pai e solidária na missão da vindita. Depois, no quarto episódio, na esticomítia, ante a visão da aproximação do carro de Clitemnestra, Orestes considera a dificuldade de matar a mãe, invoca Febo e declara o seu vaticínio “muita insciência” (*pollèn g’amathían*, *El.* 971) ante as implicações do matricídio, mas reconsidera e receia que a ordem dada pelo oráculo provenha de Nume ilatente assemelhado ao Deus. Enquanto Orestes explica a Electra as implicações do matricídio, Electra em réplica lhe contrapõe as implicações de negligenciar a vingança paterna (*El.* 962-981). Dada a peroração e exortação de Electra, Orestes se dispõe a fazer o que considera terrível ação (*deinà dráso* *El.* 986), e declara “árdua, não doce” a sua luta (*pikròn d’oukh’ hedy t’agónisma*, *El.* 987).

Depois do matricídio, na segunda estrofe do quarto estásimo da tragédia *Electra* de Eurípidés, Orestes invoca “Terra e Zeus onisciente dos mortais” (*El.* 1177) como testemunhas dos “feitos sanguinários horrendos” que executou para se ressarcir de seus sofrimentos. Na segunda antístrofe, Orestes invoca Febo e indaga perplexo aonde e a quem ir após ter matado a mãe, Electra ecoa a perplexa indagação pelo porvir, e o coro parece aprovar a mudança de ânimo de Electra (*El.* 1190–1205). Na terceira estrofe (*El.* 1206–1213), Orestes recorda o perturbador gesto súplice da mãe a mostrar o seio ao ser morta, e o coro ecoa o tom de lástima. Na terceira antístrofe, Orestes reproduz as palavras súplices da mãe ao ser morta, e o coro lastima o difícil de tolerar massacre da mãe (*El.* 1214–1220). Na quarta estrofe, Orestes recorda o gesto matricida, e Electra assume que o auxiliou nesse gesto e assim cometeu a mais terrível calamidade (*El.* 1221–1226).

No êxodo, na epifania dos Dióscoros, Castor declara a justiça da imolação de sua irmã Clitemnestra, atribui esse ato de execução a Apolo, não a Orestes, reconhece que o Deus “sábio não vaticinou sábio” (*sophòs d’ón ouk ékhrese soi sofá, El.* 1245), mas abstém-se de julgamento, porque Apolo é o seu rei e porque “é coercivo anuir a isso, é necessário / ser o que Parte e Zeus validaram” para Orestes (*El.* 1247s.). Portanto, diante da “insciência” do vaticínio de Apolo, Castor com irresistível persuasão identificando o vaticínio de Apolo com as determinações de Parte e de Zeus aconselha a atitude de anuência aos acontecimentos e de *amor fati*. Aparentemente, a “insciência” do oráculo de Apolo consistiria em não levar em consideração os sofrimentos de Orestes coagido a ato que o torna impuro e interdito, quando o oráculo menciona as Erínies paternas e ignora as Erínies maternas.

Na tragédia *Orestes* de Eurípidés, no sexto dia após ter matado a mãe, com a participação da irmã Electra e do primo Pílates, Orestes está sem se alimentar nem se banhar, oculto sob o manto, ora lícido chora, ora salta do leito qual potro, acometido de Erínies. A pólis de Argos proibiu os argivos de acolher nos lares os irmãos matricidas e de dirigir-lhes a palavra porque conspurcados pelo matricídio e nesse sexto dia deve decidir por votação a possível sentença de morte contra os irmãos matricidas. Nessa situação, Orestes, ao ver o seu avô Tindáreo se aproximar, exclama; “Pudor me impede / de ir às suas vistas, por atos praticados” (*Or.* 460s.). Orestes é tomado de Pudor (*Aidós, Or.* 460) sob as vistas do avô, porque o vínculo de afeto ao avô o faz considerar os seus próprios atos sob o ponto de vista do avô e concluir que, em vista da gratidão devida ao avô, a “retribuição não foi boa” (*apédok’ amoibàs ou kalás, Or.* 467). No entanto, este estado de perplexidade e momento de hesitação não o impedem de defender-se em seguida contrapondo argumento a argumento no debate (*agón*) com Tindáreo.

Na tragédia *Ifigênia em Táurida* de Eurípidés, no prólogo, sob intenso infortúnio Orestes oscila entre extremos de confiança e desespero: por um lado, a confiança em Apolo, cujo oráculo o leva a essa viagem em busca do ídolo de Ártemis caído no céu, por expiação do matricídio e consequente libertação das punitivas Erínies, e por outro lado, o desespero em que acusa Apolo de conduzi-lo a uma cilada e sugere a fuga antes que os prendam e matem. No momento de manifesto desespero de Orestes, Pílates o exorta à coragem e confiança no oráculo divino, e propôs um plano cuja ação traz

consigo uma possibilidade de êxito e salvação.

Na tragédia *Andrômaca* de Eurípides, Orestes se apresenta como se agisse em concerto com o Deus Apolo, a quem inclui em seus planos domésticos como se tudo se desse por uma coincidência de interesses comuns do Deus Apolo e do mortal Orestes.

### Referências bibliográficas:

- ALLAN, William. *The Andromache and Euripidean Tragedy*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- ÉSQUILO. *Oresteia I – Agamêmnon, II – Coéforas, III – Eumênides*. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- EURIPIDES. *Andromache*. Michael Lloyd. Warminster: Aris et Phillips, 1994.
- EURIPIDES. *Electra*. H. M. Roisman and C. A. E. Luschnig. University of Oklahoma, 2011.
- EURIPIDES. *Electra*. J. D. Deniston. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- EURIPIDES. *Ifigenia in Tauride*. Domenico Bassi. Milano: Carlo Signorelli, 1963.
- EURIPIDES. *Iphigenia in Tauris*. M. J. Cropp. Warminster: Aris et Phillips, 2000.
- EURIPIDES. *Orestes*. C. W. Willink. Reprinted. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- EURIPIDES. *Orestes*. M. L. West. 3<sup>rd</sup> impression. Warminster: Aris et Phillips, 1990.
- EURIPIDIS. *Fabulae*. J. Diggle. Oxford Classical Texts. I, II, III. 1984, 1981, 1994.
- HOMER. *Odyssey I-XII*. W. B. Stanford. Bristol Classical Press, 2003.
- SOPHOCLES *Electra*. J. H. Kells. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.
- SOPHOCLES. *Electra*. P. J. Finglas. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- SOPHOCLIS. *Fabulae*. H. Lloyd-Jones et N. G. Wilson. Oxford: University Press, 1990.

